

STEVE BANNON: O IDEÓLOGO DA NOVA DIREITA POPULISTA AMERICANA

Cesar Alberto Ranquetat Júnior¹

Resumo

Este artigo procura descrever e analisar a trajetória, as ideias políticas e a cosmovisão do ideólogo e estrategista Steve Bannon, figura central na surpreendente campanha vitoriosa de Trump nos Estados Unidos. Busca-se relacionar suas posturas e seu ideário com a ascensão de um novo tipo de direita no mundo ocidental. Ademais, será realizado um sintético exame dos principais valores e princípios que fundamentam esta nova modalidade de direita de feições populistas, nacionalistas e conservadoras.

Palavras-chave: Bannon; direita; populismo.

Steve Bannon: el ideólogo del nueva derecha populista americana

Resumen

Este artículo busca describir y analizar la trayectoria, las ideas políticas y la visión del mundo del ideólogo y estratega Steve Bannon, persona central en la campaña sorprendentemente exitosa de Trump en Estados Unidos. Busca relacionar sus posturas y sus ideas con el surgimiento de un nuevo tipo de derecha en el mundo occidental. Además, se realizará un resumen de los principales valores y principios que subyacen a esta nueva modalidad de derecha de características populistas, nacionalistas y conservadoras.

Palabras-clave: Bannon; derecha; populismo.

Introdução

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016 representou um duro golpe para os setores liberais e progressistas. Canalizando o sentimento popular difuso de descontentamento e insatisfação em relação ao sistema político e cultural dominante, Trump soube encarnar o papel de liderança carismática dissidente e alternativa, assumindo uma postura e uma retórica

¹ Doutor em Antropologia Social (UFRGS). Professor na área de Ciências Humanas na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)/Campus Itaqui - RS. Autor do livro " *Da Direita Moderna à Direita Tradicional*" (Editora Danúbio).

fortemente nacionalista e politicamente incorreta. Agindo nos bastidores como verdadeiro estrategista e mentor ideológico de sua campanha desponta a figura enigmática de Steve Bannon. Este inteligente e hábil personagem orientou ideologicamente a campanha de Trump, explorando as fissuras e fragilidades do *establishment*. Bannon foi, indubitavelmente, o cérebro por trás de Trump, o grande responsável por imprimir à campanha do candidato republicano uma retórica antissistema e populista. Vale lembrar que os slogans da campanha de Trump “*American First*” e “*Make America Great Again*”, de inegáveis tonalidades nacionalistas, provavelmente tiveram como um de seus mentores Steve Bannon.

As atividades de Bannon, porém, não se restringem aos Estados Unidos. O ex-assessor de Trump está mobilizando atores e forças para criar uma espécie de movimento internacional soberanista que contraponha-se ao globalismo, à ameaça do fortalecimento do Islã e ao avanço da agenda cultural progressista. Como será abordado neste artigo, esta nova direita populista caracteriza-se por defender os valores da civilização ocidental, e, ainda, procura recuperar o poder de decisão e a autonomia de ação dos Estados nacionais em face da atividade dos organismos supranacionais e das elites globais tecnocráticas.

O personagem e sua trajetória

Stephen Kevin Bannon nasceu na cidade de Norfolk, no estado da Virgínia, em 27 de novembro de 1953, e foi criado no seio de uma família de humildes trabalhadores de origem irlandesa e formação religiosa católica. Durante sua juventude estudou no Instituto Politécnico e Universidade Estadual da Virgínia, conhecido como *Virginia Tech*. Foi militar, servindo na marinha americana durante alguns anos. Posteriormente, estudou na prestigiada *Harvard Business School* recebendo um MBA. Trabalhou em *Wall Street* no famoso banco *Goldman Sachs*, e funda em Los Angeles seu próprio negócio, a firma *Bannon & Company* voltada ao gerenciamento e ao planejamento financeiro. Atuou, também, no mercado audiovisual como produtor de filmes e documentários. Como produtor e diretor, lançou, em 2010, três documentários de nítida orientação populista e conservadora: *Generation Zero*, *Fire From the Heartland: the Awakening of the Conservative*

Woman e Battle for America. Ressalto que, além destes documentários, Bannon produziu outros de similar teor.

Em 2011, o audacioso estrategista tornou-se conselheiro informal de Donald Trump. Cinco anos depois, em 2016, assumiu a destacada função de diretor de campanha. Em janeiro de 2017, integra-se ao novo governo Trump como estrategista chefe, participando ativamente do Comitê de Diretores do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, mas por conta de algumas polêmicas e disputas internas deixa o cargo em agosto do mesmo ano.

Visão de mundo e da ordem política: conservadorismo, populismo e nacionalismo

Em suas várias manifestações públicas, palestras e entrevistas, Steve Bannon apresenta uma cosmovisão e um conjunto de concepções políticas complexas e multifacetadas. De maneira geral, tende a conectar ideias políticas com categorias culturais e religiosas, combinando a defesa do que ele chama de tradição judaico-cristã, com a necessidade de um fortalecimento da civilização ocidental e da nação americana em face da ameaça do radicalismo islâmico, e da emergência de outros centros de poder político e econômico no oriente e no espaço geopolítico euroasiático. Evidencia, deste modo, a importância da religião e da nação, duas instituições frequentemente esquecidas e desprezadas nos ambientes cosmopolitas e pós-modernos.

É recorrente em suas intervenções a utilização de um discurso fortemente contrário ao *establishment* liberal-progressista e às elites globalistas, que ele costuma chamar como “partido de Davos”. Estas elites seriam individualistas, materialistas e internacionalistas, espiritualmente contaminadas pelos valores libertários e permissivos que emergiram e expandiram-se a partir das rebeliões estudantis das décadas de 1960 e 1970. Contra o projeto globalista destas elites desenraizadas, Bannon apregoa a defesa dos valores populares e conservadores e da identidade nacional, bem como a necessidade das coletividades e países recuperarem sua soberania e liberdade, hoje sequestrada por burocratas, tecnocratas, grandes corporações e organismos internacionais.

É notável sua preocupação pela decadência econômica e moral das nações ocidentais e pela intensa e abrangente secularização das instituições sociais e culturais. As concepções políticas, ideológicas e a visão de mundo de Bannon revelaram-se de uma maneira mais precisa quando de sua participação em uma conferência realizada por *Skype* para o Vaticano, no verão de 2014. Esta conferência foi patrocinada pelo Instituto *Dignitatis Humanae*.² O estrategista americano inicia sua exposição afirmando que o mundo, em particular a cultural ocidental encontra-se em um período de grave crise. Crise social, crise do próprio sistema capitalista, crise da fé, crise da Igreja Católica, e, sobretudo, um enfraquecimento e debilitação da moral judaico-cristã que fundamentaria a nossa civilização.

Em um interessante momento de sua intervenção, apresenta uma distinção entre três formas de capitalismo: o capitalismo de compadrio, clientelista, em inglês *crony capitalism*; o capitalismo libertário e o capitalismo iluminado. As duas primeiras formas de capitalismo seriam tipos degradados e pervertidos de capitalismo. O capitalismo de compadrio representaria um capitalismo dirigista, intervencionista, com estreitos laços com o Estado. Neste existiria uma relação promíscua entre grandes empresários e funcionários do Estado para favorecer determinados grupos econômicos, captar subsídios do governo e incentivos fiscais. Estes “corporativistas” buscariam a formação de monopólios com ajuda do Estado. De acordo com Bannon, este tipo de capitalismo, contrário à economia de livre-mercado, seria atualmente praticado pela China e pela Rússia. Por sua vez, o capitalismo libertário defendido pelos seguidores da filosofia objetivista de Ayn Rand, transformaria as pessoas em mercadorias, em objetos, preocupando-se unicamente com o lucro e a produção, percebendo, deste modo, os valores morais e culturais como algo acessório e secundário. O verdadeiro capitalismo, o capitalismo virtuoso, seria o “capitalismo iluminado”, ou seja, um modo de economia de mercado fundada nos princípios morais cristãos. Este capitalismo iluminado é o que teria propiciado o desenvolvimento tecnológico e material do ocidente e dos Estados Unidos. Este

² Instituto católico com sede em Roma, fundado pelo político britânico de orientação conservadora Benjamin Harnwell. O cardeal Raymond Leo Burke, em determinado momento, chegou a ser o diretor desta organização. Depois, por conta de algumas divergências com Bannon em relação à figura do Papa e ao papel da Igreja Católica na esfera política, acabou se afastando.

representaria uma forma de capitalismo empreendedor e positivo. Para o ideólogo americano, os pioneiros do capitalismo eram crentes, fiéis seguidores do cristianismo ou do judaísmo, enquanto que hoje a maioria dos grandes empresários, banqueiros e homens de negócios de *Wall Street* estariam contaminados pela mentalidade secularista da nossa época.

Nesta provocadora e instigante conferência no Vaticano, Bannon sublinha que a ampla e profunda secularização da cultura ocidental é um perigo diante do fortalecimento e expansão daquilo que define como “fascismo islâmico”. Em sua visão, o ocidente encontra-se nos estágios iniciais de uma guerra global contra o “fascismo islâmico”.³ Esta retórica de luta contra o Islã radical e sua equiparação com o fascismo é bastante usual nas manifestações do estrategista. Quase ao final de sua conferência, Bannon foi questionado por um dos ouvintes da palestra sobre sua posição acerca do líder Vladimir Putin. Em sua resposta que, vale destacar, gerou uma enorme repercussão midiática, associa o dirigente russo com a ideologia Eurasiana formulada pelo cientista político Aleksandr Dugin, sublinhando também os laços doutrinários deste intelectual com o pensamento tradicionalista do filósofo italiano Julius Evola. O fato de ter citado o polêmico pensador “reacionário” provou uma considerável repercussão. Muitos analistas e jornalistas aproveitaram a ocasião para relacionar Bannon com o tradicionalismo evoliano. O famoso e destacado *New York Times*, chegou a publicar uma matéria em fevereiro de 2014 sobre esta inusitada menção. Abundam na internet artigos, textos e notícias que procuram demonstrar que os pensadores tradicionalistas Julius Evola e René Guénon são as principais fontes inspiradoras das ideias de Bannon. No entanto, esta aproximação me parece no mínimo equivocada, conforme procurarei explicar mais adiante neste texto.

O estrategista americano parece adotar um discurso de rasgos teológicos, ou melhor, uma espécie de teologia política. A religião, enquanto elemento da identidade cultural e nacional é um fato de importância central em seus posicionamentos, principalmente por perceber o cristianismo como um elemento da

³ Tradução do autor do artigo. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world>. Acesso em: 10/10/2019. Todas as informações e dados da conferência de Bannon no Vaticano encontra-se neste site.

herança civilizacional ocidental que deve servir como uma força de resistência à ameaça islâmica e ao problema da imigração descontrolada. Para Bannon, o ocidente judaico-cristão precisa unir suas forças em um combate de vida ou morte contra dois inimigos principais: o fascismo islâmico e o “marxismo cultural” propagado pelas elites cosmopolitas.

A noção de “defesa do ocidente”, empregada com ênfase por Trump em um discurso em Varsóvia na Polônia, em 6 de julho de 2017, bem como a expressão “civilização ocidental” são frequentemente acionadas por Bannon e os atores identificados com a nova direita populista. Neste sentido, urgiria uma aliança entre as nações ocidentais com a finalidade de defender sua identidade cultural, a cristandade e os seus valores, do perigo representado pelo islamismo radical. Uma retórica de feições bélicas e apocalípticas é utilizada a fim de mobilizar e galvanizar forças e atores neste embate. Além disso, verifica-se o uso de uma postura discursiva bastante próxima à ideia de um “choque de civilizações”, tese controversa elaborada inicialmente pelo cientista político Samuel Huntington. Para este, haveria um choque entre o ocidente e o oriente, entre o bloco euro-americano e o mundo oriental, representado principalmente pela China e os países muçulmanos. Nesta visão, os Estados Unidos parecem encarnar o “espírito do ocidente”, a última reserva moral de uma civilização em decadência. De algum modo, Bannon está preocupado em recuperar a hegemonia cultural e econômica do ocidente, em particular dos Estados Unidos, no atual panorama geopolítico mundial. Os Estados Unidos são vistos como uma espécie de guia moral, de farol para as nações do ocidente; o último baluarte da civilização ocidental em face do fortalecimento das nações do oriente como a China, a Turquia e o Irã, e diante do crescimento do Islã. Em suma, o “capitalismo iluminado”, o nacionalismo populista e os valores judaico-cristãos seriam os três pilares fundamentais deste projeto metapolítico de revigoração da identidade cultural do ocidente.

É inegável a identificação do ex-conselheiro de Trump com a chamada “direita alternativa”. A *alt-right* é um confuso amálgama de ideias e grupos de direita. Trata-se de uma nebulosa ideológica que aglutina forças, atores, princípios e ideologias

dísparos. Vertentes libertárias e anarcocapitalistas, neoreacionárias⁴, paleoconservadoras, identitárias e etnonacionalistas compõem este pitoresco mosaico político. O termo *alt-right* foi criado pelo cientista político americano Paul Gottfried, com a intenção de distingui-la dos neoconservadores e conservadores ligados ao Partido Republicano. A linhagem com uma orientação doutrinária mais próxima a Bannon, e com maior visibilidade e projeção pública gravita em torno do site *Breitbart News*. Lembro aqui que este site foi fundado no ano de 2005 pelo escritor e comentarista político Andrew Breitbart. Com a morte repentina de seu fundador, Steve Bannon assume em 2012 o posto de diretor deste órgão de difusão de notícias, informações e ideias desde uma perspectiva “conservadora”. Com Bannon no comando o site adotou um discurso de teor nacionalista.⁵ Este influente e poderoso site tornou-se um dos principais centros irradiadores das visões e posturas ideológicas da direita alternativa americana. Destaca-se neste grupo a figura do irreverente, midiático e polêmico jornalista Milo Yiannopoulos.

Enquanto os setores radicais da direita alternativa advogam por um nacionalismo étnico, Bannon e as facções mais moderadas aderem a uma forma de nacionalismo cívico centrado na necessidade de afirmação e partilha, no interior de uma comunidade nacional, de determinados valores culturais e morais fundadores. Ao que tudo indica a *alt-right* surge inicialmente de *chats* e fóruns da internet. Nasce e se desenvolve como uma espécie de subcultura. Desde seus primórdios os personagens identificados com esta corrente ideológica transmitiram em suas postagens, blogs e sites, mensagens com uma forte carga de ironia e humor. Um dos símbolos criados por estes grupos é o sapo Pepe que, rapidamente, tornou-se um popular *meme* no mundo virtual e nas redes sociais. Esta nova direita digital pouco tem a ver com a velha direita.⁶ Como explica o cientista social Adriano

⁴ Constelação de agentes e ideias políticas vinculadas ao filósofo inglês Nick Land e ao blogueiro e cientista da computação Curtis Guy Yarvin, também conhecido pelo pseudônimo Mencius Moldbug. Trata-se de uma confusa mescla de noções e conceitos libertários de feições anti-igualitárias e antidemocráticas, cunhada de filosofia aceleracionista, que mistura ideias de Nietzsche com Deleuze, e Oswald Spengler e Thomas Carlyle com Ludwig von Mises e Hans-Hermann Hoppe. Fusão desconexa de visões políticas reacionárias e tradicionalistas com uma antropologia libertária hiperindividualista.

⁵ Em janeiro de 2018, Bannon se desliga do *Breitbart News*, para dedicar-se a outros projetos políticos.

⁶ Uma análise detalhada da *alt-right* como uma subcultura digital, transgressiva e subversiva é realizada pela antropóloga Angela Nagle no livro *Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr Trump and the Alt-Right* (2017).

Erriguel (2017), a *alt-right* é um fenômeno tipicamente pós-moderno, que recupera de uma maneira inusitada e original uma série de elementos de rebelião e de contestação ao sistema dominante. Caracteriza-se por uma postura de oposição e denúncia, mais do que pela proposição de um projeto coerente e articulado de sociedade e ordem política. O que os une é principalmente uma oposição contumaz ao *status quo*. É, especialmente, marcada por uma política identitária de defesa do “homem branco, heterossexual, ocidental e cristão”. Além disso, são bastante hábeis na utilização de uma linguagem impregnada de zombaria, chacota e deboche que, dentre outros objetivos, intenciona minar a força dos mitos dominantes nas sociedades progressistas e liberais.

De um modo geral, percebe-se a presença em seus principais propagandistas de um espírito de descontentamento, mal-estar e insatisfação em relação à sociedade atual. Representa esta nebulosa ideológica e política uma nova contracultura de direita, que, sinteticamente, insurge-se contra os dogmas ideológicos do nosso tempo. Contracultura esta que procura “desconstruir os desconstrutores”, dessacralizando e relativizando de forma insolente e festiva as narrativas progressistas erigidas pelo *establishment* à condição de tabus intocáveis e incontestes.

Em um interessante artigo com o título *Inside the secret, strange origins of Steve Bannon nationalist fantasia*, o jornalista Joshua Green⁷ estabelece um vínculo entre as ideias de Steve Bannon e o pensamento tradicionalista de René Guénon e Julius Evola.⁸ Ressalta o prestigiado articulista que, como estes autores europeus, o ideólogo americano possui uma visão pessimista da história do ocidente, percebendo-a como em um constante processo de involução e decadência. Este processo degenerativo estaria relacionado com o processo de secularização, ou seja, com o enfraquecimento e a perda da centralidade da religião na vida dos povos. Como já comentei anteriormente, Green não é o único analista político que

⁷ Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/2017/07/the-strange-origins-of-steve-bannons-nationalist-fantasia>. Acesso em: 09/08/2019.

⁸ Estes autores são os principais expoentes desta escola de pensamento que, resumidamente, parte de uma crítica radical à modernidade e que busca recuperar o valor e a importância cognitiva e simbólica das tradições espirituais e metafísicas do ocidente e do oriente. Uma aprofundada análise desta vertente de pensamento e as suas implicações políticas e culturais é realizada pelo historiador britânico Mark Sedgwick no livro *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century* (2014).

apontou para a existência destas similitudes e convergências, contudo, penso que estas similaridades são apenas aparentes e superficiais. Importa aqui destacar que os autores do tradicionalismo integral, principalmente Evola, eram ácidos críticos da “civilização americana”. Além do mais, rejeitavam de modo contundente a democracia parlamentar, o liberalismo político e o capitalismo, ideias e sistemas que Bannon parece defender. Para eles, a antítese fundamental não era entre ocidente e oriente, mas entre espírito tradicional e espírito moderno, sendo o atual ocidente a principal manifestação da modernidade que combatiam intelectualmente. Cabe ainda acrescentar que Evola e Guénon eram defensores de formas de ordem política aristocráticas, destacavam a necessidade da reconstrução de elites espirituais e nobrezas guerreiras, algo bastante distinto do populismo da direita alternativa americana. A própria noção de soberania do povo, de exaltação da vontade das massas sempre fora visto como algo negativo por estes pensadores que acreditavam na ideia de soberania de Deus, e no domínio da ordem social por elites aristocráticas ou mesmo uma realeza sagrada. Outro ponto chave, que, evidentemente, revela as distinções entre as ideias de Bannon e o pensamento de Evola e Guénon refere-se ao Islã. Bannon enxerga o Islã como um dos principais e mais perigosos inimigos da cultura ocidental de matriz judaico-cristã, por sua vez o filósofo italiano e o metafísico francês nutriam simpatias pela religião muçulmana. Guénon chegou a converter-se ao Islã, foi iniciado no sufismo com o nome de Abdel Wahed Yahia (Servo do Único).

É um engano classificar a visão de mundo de Bannon e da *alt-right* como antimoderna e contrarrevolucionária, como pretende, por exemplo, o renomado sociólogo Jeffrey Alexander em um artigo publicado em uma revista brasileira.⁹ Não há nada mais moderno do que defender o nacionalismo, a civilização ocidental e o papel central dos Estados Unidos na ordem mundial, o capitalismo regulado, o regime republicano, o Estado de direito, a vontade popular e os valores comunitários com uma linguagem fortemente midiática e sarcástica. A revolta de Bannon e das direitas populistas não é propriamente contra a modernidade, mas contra os exageros da cultura pós-moderna e a influência das ideologias da nova esquerda, o dito “marxismo cultural”. Ao contrário do que é frequentemente divulgado pela

⁹ O artigo intitula-se *Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon* (2018).

grande mídia, o estrategista americano não é um reacionário empedernido que apregoa o retorno à Idade Média, não é de forma alguma um ultramontano que almeja restaurar a aliança entre o Trono e o Altar e reinstaurar uma nova ordem hierocrática. Bannon, em suma, não é um antimoderno, utilizo aqui este conceito conforme o sentido dado pelo crítico literário Antoine Compagnon (2014), é apenas um nacionalista preocupado com a destruição dos costumes, hábitos culturais e tradições de seu povo.

Projetos políticos transnacionais: uma internacional nacionalista e soberanista

Depois de desempenhar um papel decisivo na eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016, Bannon está articulando e mobilizando forças e atores na Europa e em outras partes do mundo para dar início a uma revolução global de caráter nacionalista e populista. Expressão evidente e reveladora deste novo projeto é a fundação em 9 de janeiro de 2017, em Bruxelas, na Bélgica, do *The Movement* (O Movimento). Importa ressaltar que o diretor executivo do *The Movement* é o advogado e político belga Mischael Modrikamen que em 2009 criou o Partido Popular, agremiação de orientação liberal-conservadora e fortemente contrária à imigração descontrolada e à penetração do Islã na Europa.

Este movimento criado por Bannon visa, primordialmente, unir todas as forças políticas nacionalistas e populistas da Europa. O grupo buscará realizar encontros, conferências e palestras sobre temas políticos relevantes para as novas organizações e atores soberanistas. Em linhas gerais, esta organização luta pela defesa da civilização ocidental e pela soberania e a liberdade das nações europeias, erguendo-se contra os burocratas da União Europeia e a ameaça da perda da identidade cultural do velho continente por conta daquilo que costumam chamar como “invasão muçulmana”.

O *The Movement* surge como uma alternativa de direita, conservadora e populista às iniciativas liberais, progressistas e cosmopolitas da *Open Society* de George Soros. É o embrião de uma futura internacional soberanista. Bannon esteve em vários países europeus conversando com os líderes dos partidos e agrupamentos

populistas como o italiano Matteo Salvini, da Liga; a italiana Giorgia Meloniados, do Irmãos da Itália; a francesa Marine Le Pen, da Reunião Nacional (RN); o húngaro Viktor Orbán, do *Fidesz*; o britânico Nigel Farage, do Partido do *Brexit*, e o flamengo Tom Van Grieken, do *Vlaams Belang*.

Apesar de atuar principalmente na Europa, o *The Movement* está ampliando suas operações e empreendimentos para outros pontos do planeta. Na América do Sul, por exemplo, o estrategista americano nomeou o deputado federal Eduardo Bolsonaro como representante da organização. Cabe aqui lembrar que no começo de 2019, Bannon encontrou-se com o filósofo e jornalista Olavo de Carvalho, figura chave no ressurgimento intelectual e político da direita conservadora em terras brasileiras.

Como parte dos projetos do *The Movement*, no início de 2019 Bannon anunciou a criação de um centro de estudos de formação política e cultural, que ele chamou de “Academia ocidental Judaico-Cristã”, que objetiva formar novos “gladiadores”. O principal parceiro de Bannon nesta empreitada é o político conservador britânico Benjamin Harnwell, que, conforme destacado anteriormente, fundou o Instituto *Dignitatis Humanae*. A ideia inicial era construir esta academia no mosteiro cartuxo de Trisulti na Itália, imponente construção medieval do ano de 1204, inaugurada pelo papa Inocêncio III, contudo, em razão de problemas legais e burocráticos, a construção foi abortada.

Em uma instigante entrevista Benjamin Harnell, sócio de Bannon no projeto de fundação de uma academia para formar lideranças políticas populistas e conservadoras, apresenta uma reveladora concepção do que seria a direita por ele defendida, ao ser questionado se suas posições são extremistas e radicais:

Temos que definir o que é extrema-direita, porque Trump, Bannon e Salvini são acusados de serem extrema-direita, mas não são. Para mim eles estão no centro e todo o resto está à esquerda. É difícil encontrar uma definição porque depende de como queremos abordar a questão. Para mim, podemos até dizer que o fascismo era socialista. Veja, a direita se funda no individualismo, no Estado mínimo e no respeito à propriedade privada. Ela se opõe à esquerda, que se interessa pelo coletivo e nega o direito do indivíduo. Já a extrema-direita recusa totalmente a presença do Estado em contraposição à extrema-esquerda, que pretende um estado absoluto. Então a extrema-direita, para mim, não é questão pejorativa, mas uma questão de honra, porque o Estado serve somente para explorar as pessoas, não para salvá-las ou ajudá-las, e isso é feito para garantir a elite.

Não me defino de extrema-direita, porque isso seria mal compreendido. O conceito de extrema-direita é aplicado somente ao que você não gosta.¹⁰

Populismo: uma tentativa de definição sociológica

Sem receio e constrangimento Steve Bannon se auto-define como um populista de direita. Com franqueza e clareza, o líder do *The Movement*, assim conceitua esta controversa e discutida categoria política:

Populismo significa tomar decisão o mais perto das pessoas possível e com a influência das pessoas. Fazer políticas sociais, econômicas ou de segurança nacional, mas sem atender aos interesses da elite. Nos EUA, na última década, as elites cuidaram de si mesmas às custas das classes trabalhadoras e médias. Populismo é basicamente garantir que a classe média e a classe trabalhadora terão um lugar à mesa.¹¹

Normalmente, populista e populismo são termos pejorativos e insultuosos que servem para desqualificar e demonizar o adversário político. Entretanto, de acordo com a filósofa francesa Chantal Delsol (2015), o populismo contemporâneo expressa uma reação contras as ideias e conceitos universalistas e cosmopolitas da Ilustração. Opõe-se, principalmente, contra a ideologia da emancipação que, de maneira dogmática e obstinada, pretende libertar os indivíduos e os povos de suas identidades formadoras, de todos os limites e fronteiras morais e físicas, desvinculando-os de suas raízes históricas e culturais. Para a ideologia da emancipação, todo modo de enraizamento e filiação com uma cultura, uma tradição e um grupo histórico, como por exemplo, a família e a nação, significa uma restrição, um dique, um particularismo obsoleto que impede a consolidação da liberdade pessoal e o progresso social. As tradições, os costumes ancestrais, as identidades culturais fortes são percebidas como prejuízos, forças “regressivas” e repressoras, que obstaculizam a evolução e a libertação do ser humano.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/585143-conversamos-com-o-socio-de-steve-bannon-em-escola-na-italia-que-busca-guinar-o-mundo-a-direita>. Acesso em: 09/09/2019.

¹¹ Disponível em: <https://renovamidia.com.br/steve-bannon-explica-o-que-e-o-movimento/>. Acesso em: 08/09/2019.

O populismo, segundo explica Delsol (2015), é também uma manifestação do sentido comum, uma indignação do povo contra as ideias e a mentalidade racionalista, construtivista e cosmopolita das elites. É deste modo, na ruptura entre o povo e as elites que surge o populismo. Este procura fazer efetiva e real a representação política, na medida em que objetiva promover agendas e valores não legitimados pela opinião dominante. Insurgindo-se contra as classes governantes e as ideologias progressistas e diversitárias, este fenômeno pode ser caracterizado como uma tentativa de retorno ao mundo da experiência, à concretude, à realidade vivida. Estas reações apresentam, em geral, um caráter confuso e, por vezes, contraditório, pois, não se baseiam em uma doutrina, uma filosofia ou concepção de mundo explicitamente articulada, sistemática e ordenada. As correntes populistas não têm o hábito de conceituar e desenvolver intelectualmente suas convicções. Porém, é possível afirmar que os discursos e posturas populistas são uma versão simplificada e acessível de um conjunto de temas e tópicos existentes no pensamento conservador, como por exemplo: o apelo ao homem real frente ao homem abstrato e sem raízes estabelecido pelo Iluminismo; a crítica aos direitos humanos, percebidos como demasiadamente gerais e sistemáticos, e que, ademais, parecem substituir os deveres do homem; a liberdade desconectada de suas situações, de seus limites e de suas responsabilidades; a igualdade que não leva em consideração a diversidade, e a fraternidade sem hierarquias de vínculos, que tenciona ver todos homens como irmãos afetuosos e cordiais.

Há, nestes novos movimentos populistas, a presença de uma disposição conservadora. Neste ponto encontra-se uma das razões mais importantes da repugnância e da aversão que o *establishment* sente por este fenômeno. Como no caso do populismo, o conservadorismo é concebido como uma anomalia, algo de anacrônico e irracional. Segundo o sociólogo canadense Mathieu Bock-Côté (2019), o conservadorismo é visto por boa parte das elites culturais e midiáticas do ocidente como uma disfunção psicológica ou sociológica que levaria os indivíduos a adotar uma posição contrária ao curso “necessariamente” evolutivo e progressista da história. Desta maneira, o conservadorismo é psicologizado e patologizado. Os “dissidentes”, as forças e atores que não aceitam os valores dominantes do nosso tempo e defendem formas de vida tradicional são, frequentemente, rotulados como

“fascistas” e extremistas, e através destes dispositivos e operações busca-se controlar e censurar toda uma linhagem de pensamento e sensibilidade política. Como explica o cientista social canadense: “o mito do populismo tem uma função precípua: desqualificar aqueles a quem o associamos e designar o inimigo do novo regime [...]” (BOCK-CÔTÉ, 2019, p. 246).

Considerações finais

O populismo e o conservadorismo são normalmente termos utilizados de forma abusiva e como adjetivos pejorativos; são vistos como males culturais que precisam ser contidos e eliminados da arena pública. Contudo, é necessário captar estes conceitos como ferramentas analíticas úteis para a compreensão da realidade social e a identificação de certos fenômenos do campo político.

As correntes populistas e nacionalistas defendem valores tradicionais como a religião e a moral cristã, a identidade nacional, a família natural, a segurança econômica, a estabilidade social e o império da lei e da ordem. Valores estes olvidados e segregados do espaço público por muito tempo. Como enfatiza o sociólogo Mathieu Bock-Côté (2019), esta nova onda de “direita” recupera uma sensibilidade política e uma linguagem de tonalidades conservadoras que, dentre outras características, desafia a mentalidade progressista e as elites cosmopolitas que ambicionam construir um mundo sem fronteiras e limites morais e geográficos.

Contrariando o projeto universalista que pretende enfraquecer e borrar as diferenças culturais e as identidades nacionais, formando um mundo uniformizado com uma espécie de cultura mundial padronizada, os soberanistas reafirmam o poder e a importância simbólica e prática das tradições nacionais e dos particularismos culturais. O paradigma liberal e cosmopolita de matriz kantiana de criação de um Estado universal, de uma governança global, é fortemente rechaçado por Bannon e demais forças populistas de direita.

As posturas de Bannon revelam, por fim, uma importante preocupação deste estrategista em relação ao surgimento e fortalecimento de novos atores não ocidentais na ordem geopolítica internacional, e, assim, a conveniência de

elaboração de um projeto de longo alcance que vise revitalizar a nação americana e seu papel central no panorama político mundial. É este um dos motivos pelo qual este hábil e perspicaz ideólogo reativa o discurso do analista Samuel Huntington acerca do choque de civilizações.

Referências

ALEXANDER, Jeffrey. Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. *Revista Sociologia e Antropologia* (2018), Rio de Janeiro, vol. 8, nº 3, pp.1009-1023, dez. 2018.

BOCK-CÔTÉ, Mathie. *O Multiculturalismo como Religião Política*. São Paulo: É Realizações, 2019.

COMPAGNON, Antoine. *Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DELSOL, Chantal. *Populismo: una defensa de lo indefendible*. Barcelona: Ariel, 2015.

ERRIGUEL, Adriano. *En las raíces posmodernas de la Alt-Right*. Disponível em: <https://elmanifiesto.com/tribuna/5709/en-las-raices-posmodernas-de-la-alt-right-i.html>. Acesso em: 10/12/2019.

NAGLE, Angela. *Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr Trump and the Alt-Right*. New York: Zero Books, 2017.

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford: Oxford Scholarship, 2014

Recebido em 28/11/2019.

Publicado em 01/01/2020.